

## NOTA SOBRE *FAMÍLIA, TV E CRIANÇA*

Pedro Gilberto Gomes

### 1. *INTRODUÇÃO*

Não é fácil falar sobre a TV, a família e a criança, relacionando-as entre si. Principalmente porque as opiniões divergem muito. A famí-

lia é algo muito discutido hoje em dia(1), por isso nós já tivemos a oportunidade de receber uma série de idéias sobre ela. Nesta oportunidade, nosso objetivo é refletir sobre a família relacionando-a com o fenômeno Televisão na sociedade moderna.

Aliás, a preocupação sobre a influência da TV sobre a Família não é nova na Igreja. Muitos documentos escritos sobre os Meios de Comunicação Social(MCS) abordaram este tema(2), bem como os temas pa-

1. Da parte da Igreja Magisterial e de outros organismos leigos houve uma série de manifestações que demonstram uma preocupação com o problema da Família:

I . *João Paulo II*: a) *Homilia dirigida à Família* – 3/5/80 – Quinxassa – Cf. L'Osservatore Romano, ed. Port. 11/4/80;

b) *Carta Preparando o Sínodo dos Bispos sobre a Família* – Cf. L'Osservatore Romano, ed. Port. 24/8/80;

c) *Alocução sobre a Família* – Angelus de 21/9/80 – Cf. L'Osservatore Romano, ed. Port. 28/9/80;

d) *Homilia para as Famílias* – “Dia da Família”: 12/10/80 – Cf. L'Osservatore Romano, ed. Port. 19/10/80;

e) *É preciso confiar novamente nas Famílias Cristãs* – Audiência oficial aos representantes dos movimentos familiares de toda a Igreja, 12/10/80 – Cf. L'Osservatore Romano, ed. Port. 19/10/80;

f) *Homilia na abertura do Sínodo* – 26/9/80 – Cf. L'Osservatore Romano, ed. Port. 5/10/80.

II . D. Luciano Mendes de Almeida, *Saúde, Planejamento Familiar e Igreja*, in: Comunicado Mensal da CNBB, julho/1978;

III . D. Cláudio Hummes, *Sobre a Família Brasileira*, “O São Paulo” 3 a 9/10/80;

IV . *Pastoral da Família nas Bases*, Cf. Comunicado Mensal da CNBB, jun./80;

V . MFC, *Para que serve a Família*, Subsídios para o \*Sínodo dos Bispos, in: SEDOC 13, Dez./1980, 615-640;

VI . Sínodo dos Bispos, *As Tarefas da Família Cristã no Mundo Contemporâneo*, Vª Assembléia Geral dos Bispos, Roma, set./out. de 1980.

2. O Concílio Vaticano II dedicou um dos seus Decretos aos Meios de Comunicação Social: “*Inter Mirifica*”; depois do Concílio saiu publicado um Documento mais completo, da Santa Sé: “*Communio et Progressio*”, de 1970; Documento de Medellín, nº 16, 1968; Documento de Puebla, nº 1063-1095.

ra as comemorações do “Dia Mundial das Comunicações Sociais”(3).

Por isso, quando falamos hoje sobre TV, Família e Criança, temos por trás de nós uma gama enorme de idéias refletidas e meditadas que nos condicionam e delimitam o nosso caminho. Deste modo, não pretendemos dizer nada de novo, mas apenas fazer uma reflexão sobre um fenômeno que nos preocupa a todos: pais, educadores e pastores. Principalmente quando nos damos conta de que somos chamados, em todos os estratos de nossa vida, a educar para a verdade — Enfoque da Campanha da Fraternidade do presente ano (4).

No decorrer desta reflexão, seguiremos o seguinte caminho: algumas idéias em torno à família, algo sobre o fenômeno da TV no Brasil e no mundo, principalmente seu papel de simplificadora da realidade, e, por fim, veremos a criança dentro deste quadro todo, com a conseqüente possibilidade alternativa para solução.

## 2. A FAMÍLIA

Pelo ritmo alucinante em que vive o mundo de hoje, com suas transformações rápidas e constantes, pode-se chegar a questionar a sobrevivência da família como estamos acostumados a vivê-la. Será que existem na realidade, alguns indícios desta sua possível destruição? É difícil dizer, embora existam alguns indicadores fortes que nos façam temer por sua sobrevivência. O certo é que a família na sociedade atual é algo que muda rapidamente. Quando olhamos a história da família, vemos que ela experimentou três fases distintas. Podemos detectar uma fase em que a família se apresentava como dirigida por valores sociais tradicionais. Aqui imperava a tradição e a família englobava muito mais gente que simplesmente pais e filhos. Formada pelas várias gerações, os valores que dirigiam a família eram, não raramente, marcados por traços de forte religiosidade. Uma segunda fase no desenvolvimento da família poderia ser caracterizada pela família pequena, intro-dirigida, com duas gerações: pais e filhos. Esta família

3. Por exemplo, a Mensagem sobre o Dia Mundial das Comunicações Sociais, de 1969: *As Transformações na Família*; a Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 1978: *A Pessoa como Receptora das Comunicações Sociais*; e a Mensagem para o IXº Dia das Comunicações Sociais de 1980: *A Família perante os Meios de Comunicação Social*.

4. A Campanha da Fraternidade de 1982 tem como tema: “Educação e Fraternidade” e leva o subtítulo de: “A Verdade vos libertará”.

era dirigida pelos valores do pai, reconhecido e tido como o chefe incontestável. E, por último, temos a família tida como moderna, dirigida por valores externos. Esta família está fortemente marcada e influenciada por valores externos da sociedade mais geral, levados à ela pelos MCS, principalmente a TV. Em vista disto, novos valores externos surgem e se afirmam. O pai começa a perder a sua autoridade, contestada pelo desejo de afirmação dos mais jovens. Estes anseiam organizar a sua vida sem a fiscalização paterna. Há uma tendência a fugir do núcleo familiar a buscar uma convivência com "grupos de iguais", formados por pessoas da mesma idade, aspiração e interesses.

Com este último tipo de família, torna-se muito difícil haver uma atração de seus membros para o recesso do lar. É certo que os novos tempos impõem uma mudança na família. A pergunta é: esta mudança necessariamente deve conduzir à destruição?

Será que não existe uma função básica e fundamental que a família deve realizar para o desenvolvimento do indivíduo, independentemente da forma que adquira no mundo de hoje?

No nosso parecer, esta função existe. E ela está consubstanciada no Documento de Medellín(5). Nele, entre outras coisas, é afirmado que a Família deve ser educadora na fé e promotora da justiça(6). Também o Documento de Puebla(7) aponta para a Família algumas tarefas muito específicas: primeiro centro de evangelização, Igreja doméstica, célula social, base da sociedade, mais que um contrato é uma aliança entre pessoas, etc. ...

Parece-nos que esta função, por causa do tremendo impacto dos MCS, que veiculam a ideologia capitalista e materialista que a sociedade atual professa, está se tornando cada vez mais difícil de ser cumprida. E isto tem influência no futuro e na formação dos membros mais jovens destas famílias. No caso, as crianças. Pois o ritmo atual da sociedade exige tanto do casal que este não tem mais tempo para trabalhar na formação de seus filhos. Corta-se o diálogo.

5. "A Igreja na Atual Transformação da América Latina à Luz do Concílio", Conclusões da 2ª Conferência do CELAM, Medellín, Colômbia, 1968, Documento 3 (Ed. Port. — Vozes, Petrópolis, 1969).
6. Cf. Medellín, *Documento sobre a Família*, nº 4 a 7.
7. "A Evangelização no presente e no futuro da América Latina", 3ª Conferência do CELAM, Puebla, México, 1979, nº 568-616 (Ed. Port. Loyola, São Paulo, 1979).

### 3. A TELEVISÃO

A TV é uma empresa capitalista por excelência. Sua lógica é a do lucro. O importante é vender. Pode-se dizer, inclusive, que o vender é tão importante que se criam programas para captar a benevolência do espectador e torná-lo dócil à mensagem publicitária. E, se fosse possível, se projetariam somente comerciais na televisão. O Programa é um meio. Aliás, muitas vezes (sempre) utilizam-se as novelas como comerciais(8).

Diz o professor Antônio Hohlfeldt – jornalista, escritor e professor da Unisinos – que a TV “foi criada para dar utilização, sentido, lucro, enfim, a uma série de bugigangas aparentemente inúteis cujos princípios, devidamente conglomerados(...) produziram lucros que justificaram as inversões de capital”(9).

Contudo, devemos reconhecer que a TV é uma realidade insofismável nos dias de hoje. Podemos criticá-la, apontar suas falhas, seus mecanismos, preocupar-nos com a sua influência na vida humana, mas não podemos eliminá-la de nossa vida. Ela é uma realidade que impõe sobre nós a sua presença, quer queiramos ou não.

A TV brasileira, nos seus 31 anos de desenvolvimento, apresentou um imprevisível crescimento de aparelhos em uso. De 120 mil aparelhos em 1954, passou para 4 milhões ao fim da década de 60 e, em 1977, já atingia 12,5 milhões de aparelhos. Há alguns anos atrás, a TV era um privilégio das classes mais favorecidas e uma antena em cima da casa era sinal de “status” social elevado. Atualmente, sua presença é obrigatória em qualquer lar, seja ele rico, médio ou pobre. Chega ao ponto de nas classes menos favorecidas, ser considerado como artigo de primeira necessidade, muito mais importante, às vezes, que o próprio alimento diário.

Desse modo, podemos fingir que ignoramos a sua presença, mas isso não modificará a realidade brutal e avassaladora da TV na nossa vida.

Esta presença em nossa vida tem como conseqüência o fato de que,

8. Por exemplo, num dos capítulos da Novela “Baila Comigo”, Rede Globo, 20 horas, se fez um comercial implícito do último livro de Antônio Callado. Isso para falar do exemplo mais claro.

9. HOHLFELDT, Antônio Carlos, *Televisão: Meio de Domínio*, in: *Comunicação e Consciência Crítica*, São Paulo, Ed. UCBC/Loyola, 1979, p. 83.

muitas vezes, não sabemos qual é a verdadeira realidade: a que vivemos, ou a que a TV nos mostra. A TV geralmente nos apresenta um retrato da realidade. Contudo, este é um retrato parcializado, simplificado. Isto porque a TV simplifica a realidade. Tanto através das novelas, como através da informação. Embora ela não seja o único meio que realiza esta simplificação, ela é o meio mais "badalado" no momento em face ao seu alto poder de penetração:

Através da informação, preparada para manter a visão oficial que reflete a visão da ideologia dominante, a TV fragmenta e parcializa a realidade que apresenta. Muitas vezes, as notícias veiculadas não são dadas com a objetividade necessária, nem são as mais importantes que estão acontecendo no mundo no momento. Depois de assistir o "Jornal Nacional", por exemplo, a gente sai com a impressão de estar bem informado. Mas, na realidade, a gente somente sabe aquilo que o grupo que domina a informação deseja e permite que saibamos.

Por outro lado, a novela parcializa a realidade enquanto não mostra as implicâncias de todas as situações ali apresentadas. Os problemas acontecem e se solucionam com uma facilidade espantosa. Mais ainda. Tudo o que aparece nas novelas, muitas vezes, são situações reais, mas anormais da sociedade. Contudo, nelas estas situações são apresentadas como normais. É normal que uma jovem seja seduzida pelo patrão, que seja mãe solteira. É normal que os casais se separem quando algo vai mal na vida conjugal. É normal os amantes ocasionais, as taras psicológicas, as "amizades coloridas". É normal a sociedade de consumo, o afán desesperado do homem de consumir. Acontece o que poderíamos chamar de "anomalia naturalizada". Por outro lado, enquanto tais anti-valores são apontados como normais, os verdadeiros valores que prezamos são apresentados como algo "anormal" e raro. Sérgio Jockmann escreveu uma crônica<sup>(10)</sup> chamada "A Anormal", que exemplifica bem o que estamos dizendo sobre esta "anomalia naturalizada"

O processo vivido pelas novelas se ressentem da falta de uma denúncia das causas. Nele também não aparece o processo histórico. A idéia de tempo é distorcida. Vive-se um tempo que não é o nosso; um tempo do qual não fazemos a experiência. Isto acontece principalmente com as crianças. Para elas, o tempo é algo longo. Um ano pesa muito na sua vida. Na TV, hoje se nasce, amanhã já se atingiu a vida adulta. A vida e o tempo que são vividos por nós, mas que não são nossos, apa-

10. Publicada pelo *CORREIO DO POVO*, Porto Alegre, 17/05/1981.

rece também nos comerciais. Somos chamados a viver, através do consumo, de determinado produto, uma vida irreal e fictícia.

Ao apresentar uma visão fragmentada e simplificada da realidade, a TV aparece como natural e real. Mas ela não é real. Ela é apenas uma imagem. Uma série de pontos que a nossa imaginação deve re-criar. A manipulação possível não aparece. Isto é, não nos damos conta da manipulação técnica possível. Pois, não nos devemos enganar, a TV é uma técnica de ficção. Portanto, é necessário desmistificar a imagem. Ela não é real. É muito comum a expressão: "Eu vi na TV..." Será que realmente viu? E o que viu, foi realmente o que aconteceu? Ou será que foi apenas fruto de uma técnica de edição? Isto acontece principalmente nos noticiários. No campo do noticiário, o "Jornal Nacional", por exemplo, adquire foro de critério último de verdade, de última palavra (o mesmo acontecia com o antigo "Repórter ESSO"). Há um processo de simplificação nestas notícias, pois a realidade é apresentada filtrada, simplificada, parcializada. Tudo parece natural, nada é questionado, nem questionável. A simplificação está em todos os níveis. Existe um planejamento dirigido para certos fins desejados.

Portanto, não é verdade que "cada povo tem a TV que merece", como se costuma dizer, astuta ou ingenuamente. Cada povo tem a TV que deixam ele ter, "pois a televisão reflete apenas a ética do produtor imposta ao consumidor por um sistema rigoroso e fechadamente autoritário de poder"(11). Pois, a "cultura de massa tal como a conhecemos hoje, é expressão dos interesses e dos anseios da casta tecnoburocrática dominante. (...) Certamente o livro, a imprensa, o rádio, a televisão, a revista de variedades, o disco e o 'show' são engrenagens importantes no complexo de dominação e de controle que a máquina estatal, sob o controle tecnoburocrático, exerce sobre a Sociedade Civil. A ideologia do consumo, que move a roda da indústria cultural, pode ter tudo, é verdade, apropriada de forma indébita às classes médias urbanas pela casta do poder"(12). Deste modo, se pode dizer que a "televisão não é, em si, um meio de informação, muito menos de comunicação. Ela o é, isso sim, um meio de domínio"(13).

11. MAIA, Paulo, "A Formação Crítica do Receptor no Brasil", in: *Comunicação e Consciência Crítica*, São Paulo, Ed. UCBC/Loyola, 1979, pág. 74.

12. Idem, pág. 72.

13. HOHLFELDT, Antônio Carlos, op. cit. pág. 83.

Em outras palavras, a TV reflete um sistema de dominação sobre a população de uma nação. Ela faz parte de uma rede muito mais ampla de dominação. Ela serve à ideologia de consumo. É uma engrenagem, talvez a mais importante, desta ideologia.

A TV é essencialmente desmobilizadora. Pois o consumo de massa, móvel da ação da TV, pressupõe uma desmobilização política, ou seja, "transformação do homem de agente ativo de sua história, num mero receptor de gestos mecânicos e reflexos..."(14).

A televisão não admite réplica. Não admite o diálogo. "Não creio existir na história exemplo de relação tão unilateral de comunicação entre produtor e consumidor como o da moderna indústria cultural, cujo exemplo mais perfeito é a televisão"(15).

"O mito da informação, ou seja, a grande mentira de que adquirir cultura é apenas acumular conhecimentos mastigados e até digeridos, é justamente um aspecto dessa ditadura, apoiada no fato de que a redundância é a única moeda corrente de venda do processo comunicativo consumista"(16).

#### 4. A CRIANÇA NESTE CONTEXTO

Frente a esta realidade da TV, surge o questionamento sobre influência que ela exerce sobre a vida da criança:

Pois a criança passa uma grande parte do seu tempo em frente a um aparelho de televisão. Nos Estados Unidos, uma criança chega à adolescência após ter assistido 15 mil horas de TV e perto de 350 mil comerciais. Ao lado disso, estima-se que o tempo que dedicou aos estudos não ultrapassou a 11 mil horas(17). No Brasil, apesar de não termos dados exatos, supõe-se que os números não sejam inferiores aos citados.

14. MAIA, Paulo, op. cit. pág. 73.

15. Idem, pág. 82.

16. Idem, pág. 73.

17. Dados baseados no Encontro Nacional do T.A.T. (Treinamento Crítico de Televisão), Promovido pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, Chácara Flora, São Paulo, 30/4 a 3/5 de 1981.

O certo é que pesquisas realizadas com crianças das primeiras séries escolares constataram que freqüentemente elas chegam a assistir a uma média de 4 a 6 horas de televisão por dia. Quantidade superior à duração do tempo de aula. Esse simples dado já é suficiente para suscitar uma reflexão sobre a formação dessa criança: afinal, a experiência de ver TV é muito mais agradável do que a escolar e tem a preferência das crianças. Torna-se uma espécie de "escola paralela", que tem como consequência principal, a introdução, desde cedo, da criança num processo de consumo dos mais diversos produtos através de audiências de programas que raramente são pensados para ela. Como verdadeira "babá eletrônica", a TV é uma concorrente da escola e um substitutivo do cuidado e do carinho dos pais. A TV não exige nada. Dá tudo. Gera passividade, pois não reclama. A TV engana a criança, pois esta ainda não está preparada para distinguir a realidade da ficção.

A TV não é um meio neutro, que depende de quem o usa. Ao contrário, ela é desmobilizadora.

Apesar de tudo, ela é importante no atual contexto em que vivemos por falta de uma opção de lazer familiar. Nossas cidades se tornam cada vez menos adequadas para as nossas crianças. Elas são planejadas em função do mundo adulto. À criança cabe ficar em casa e ver TV. Além disso, a estrutura social exige cada vez mais dos pais, impedindo-os de estarem com seus filhos e lhes dedicar o tempo necessário para a sua educação e formação. As crianças ficam entregues a essa "babá eletrônica" que lhes proporciona uma visão inadequada da realidade e lhes inibe a criatividade.

Neste particular, não é tão importante discutir o conteúdo da programação infantil, nem a incidência da violência na TV. Embora este seja um dado importante na consideração do fenômeno televisivo do país. Pois, se nos dermos ao trabalho de examinar a programação dita infantil veiculada por nossa televisão, iremos nos surpreender com o coeficiente de violência que apresentam.

O mais danoso da televisão na vida das crianças não é o que elas vêem, mas o SIMPLES ATO DE VER TV. A nossa preocupação deveria ser o aspecto desmobilizante da TV com relação à criança. Ela inibe a criatividade. Diria melhor, a fase em que a criança exercia a sua imaginação criando algo, é passada frente a um aparelho de TV. O trágico é que falta uma estrutura social de sustentação para a criação de opções alternativas. Antes, esta estrutura caótica em que vivemos é

reforçada pela TV na vida das crianças.

## 5. OPÇÕES ALTERNATIVAS

Para terminar, algumas pistas para a solução do problema. Em primeiro lugar, a constatação de que existe toda uma estrutura social que leva a esta situação. Ao criticarmos a TV, nos damos conta de que devemos nos engajar num processo de transformação social. Pois a TV entra como sustentáculo do sistema dominante que impõe esta situação massificante e alienante. Devemos ter presente que a "formação crítica do receptor é importante, mas mais importante ainda é a procura de um controle eficaz do receptor no processo de emissão" (18). É importante pensar a televisão, talvez tão importante como fazer. É importante discutir a televisão abertamente nos jornais, nos seminários, nos congressos, nas escolas, em todos os espaços disponíveis, uma vez que a própria televisão, em si, não permite o diálogo" (19).

Por outro lado, é importante reforçar as relações primárias entre as pessoas. Assim, através de líderes de opinião, se reforçará o filtro natural das pessoas, criando uma defesa à mensagem massificante da televisão. Reforçar o elemento "graça" nas relações interpessoais. Deixar de lado o consumo e o lucro.

Devemos ter presente o que já em 1969, dizia o então Papa Paulo VI: "Na verdade, impõe-se, antes de mais nada, uma constatação: estes instrumentos de Comunicação Social penetram na intimidade das famílias, impõem os seus horários, fazem modificar hábitos e alimentam largamente conversas e discussões. Sobretudo alteram, por vezes profundamente, o psiquismo dos que os usam, tanto sob o aspecto afetivo e intelectual como no domínio moral e até religioso" (20).

Conseqüentemente, seria prudente manter sempre uma "suspeita ideológica" frente a tudo aquilo que a TV nos apresenta.

Com relação à criança, faz-se necessário descobrir opções criativas para que a criança possa ocupar-se, ver a vida real, tocar, sentir os

18. MAIA, Paulo, op. cit. pág. 75.

19. Idem, pág. 76.

20. PAULO VI, "As Transformações na Família", Mensagem para o dia Mundial das Comunicações Sociais, Roma, 1969.

objetos e as coisas. Precisamos de um trabalho de conscientização, sobretudo a nível dos pais, no tocante aos males causados pela TV. Precisamos, além disso, lutar em todas as frentes por uma estrutura social que coloque a TV num plano secundário na ordem dos lazeres de toda a família e que garanta reais opções de diversão para as crianças.